









# A CAPANGADA

PARODIA MUITO SERIA

PELO

AMIGO AUSENTE

RIO DE JANEIRO

TYP. DA «REFORMA» RUA DO OUVIDOR 148.

1872



## I

A malta de ministros desbragados,  
Essa caterva illustre e veneranda,  
Mais os sens'gazeteiros alugados,  
Escriptores da praia e de quitanda ;  
A enorme quadrilha de embrechados  
E que cheira a pelicia que tresanda,  
Gente parva e ruim, sucia de bobos,  
Faminta do orçamento como lobos,

E tambem as immensas brilhataras  
Dos Godoys e dos Bentos presidentes;  
Os filhotes, as santas creaturas,  
Afins do ministerio e seus parentes,  
Taes verdades cruissimas e duras,  
N'estes versos tornadas bem patentes,  
Cantando espalharei por toda parte  
Si a tanto me ajudar pachorra e arte.

Cessem do Mal-das-Vinhas as bisnagas  
E do Padre-Kelé a gloria fina,  
Calem de Pai-Quibombo as artes magas  
E do Urso a voraz fome canina,  
Qu'eu canto do Brazil as septe pragas,  
O gabinete herôe da alicantina,  
Cesse tudo o que a musa chula canta,  
Pois assumpto mais chulo se levanta.

E vós, calças azues da fidalgagem,  
Sede á muza propicia e eloquente,  
O pendão que me guie na viagem,  
Que pretendo fazer alegremente;  
Leve o cantico meu fagueira aragem,  
Venha estylo humoristico e corrente,  
E a galhofa sepulte um ministerio  
Que jamais pôde ser tomado a serio !

Dai-me risada grande o sonora,  
 Qual motiva uma vaia, um grande estouro,  
 Risada mais que homérica, estrondosa  
 Pois ella n'estes casos vale ouro ;  
 Seja a chalaça a arma perigosa,  
 A que faça chegar a roupa ao couro,  
 Que se espalhe e se cante no universo  
 Os factos que ahi vou metter em verso.

E tu, grande Paranhos Malasarte,  
 Hoje feito valido e potesdade !  
 O Poder Pessoal com geito e arte  
 Patriarcha te fez d'essa irmandade !  
 Tu que dos cortesãos és baluarte,  
 Maravilha fatal da nossa idade !  
 Matreiro diplomata, gran-finorio  
 Que já foste ao inferno cõ'o Honorio,

Tu arvore folhuda e florescente,  
 Has de breve tombar na derrubada !  
 Madeiro que foi molle hoje é valente,  
 Páu para toda obra de empreitada ;  
 Carvalho que não quebra, mais que rente  
 Verga pr'a o chão, qual junça delicada,  
 Tens contada tua hora derradeira  
 E vais cahir, oh páo de lorangeira !

Oh tu, mola real do ministerio,  
 Que o sol logo em nascendo vê primeiro,  
 Pois da guerra o ministro ou o do imperio  
 Ao pé de ti é sempre o derradeiro ;  
 Tu, que ao paiz das jugo e vituperio,  
 E que mettido estás n'um atoleiro ;  
 Se morreres irás como um gentio,  
 P'ra o pedestal da estatua do Rocio !

Inclina por um pouco essa cachola  
 Aos conselhos da gente de juizo ;  
 Não ouças rebadilha tão pachola,  
 Que te leva aos Orates . Toma aviso :  
 Catão burlesco tem a pobre bola  
 Destemperada, ha muito que é preciso.  
 Ouvires outro amigo, que o Catão  
 Não é muito direito e muito são ?

Tambem o teu jornal é só movido  
 Por premio vil, e torpe e quasi eterno,  
 (Pois é grande torpeza andar mettido  
 No ventre do thesouro que é paterno.)



Ouve-me a mim, Paranhos destemido,  
 Pois vou cantar alegre, em tom mui terno,  
 E julgar ás depois si é excellente,  
 Ser ministro do rei, com ruim gente.

Ouve que não verás com vãs façanhas  
 Phantasticas, fúgidas, mentirosas  
 Cantar os teus bem como nas exranhas  
 Musas de engrandecer-se desejosas.  
 As verdadeiras tuas são tãmanhas  
 Que excedem as sonhadas fabulosas,  
 Excedem Bertholdinho, Dam Quixote.  
 Cacassenos e outros d'esse íbte !

Por este dar te-hei o Rei do Norte,  
 Estadista impassivel, de granito;  
 O Gavião Molhado de má morte  
 E que anda voando sem districto :  
 O João-sem-barbas de pancada forte,  
 O conselheiro Henriques tão bonito,  
 E o rolha de béca, o Araripe,  
 Pinto Lima barão de San-Felippe !

Nem deixarão meus versos esquecidos  
 O Figueira de Mello, esse colosso,  
 Que nas tretas venceu os mais temidos,  
 Nem tão pouco o Anizlo illustre moço ;  
 Um Ambrosio Leitão de mil partidos  
 E que é de sciencia fundo poço ;  
 San-Vicente de abios, Timandro forte  
 E outros em quem poder não tem a morte!

## II

Estavas, oh Chuleta, em teu socego  
 Lá no Morro do Chá, mansão querida,  
 N'aquelle engano d'alma ledó e cego,  
 Pássando milágrossa e fresca vida;  
 Não tinhas outra idéa e outro emprego  
 Sinão amar Manduoa, doce lida!  
 Aos montes ensinando e ás hervinhas  
 O nome que no peito escripto tinhas !

Do ausente amador te referiam  
 Cousas tristes que muito te aterravam:  
 Elle na côrte estava, onde diziam  
 Que do Alcazar as nymphas o enlevavam.

A' noite feio sonhos te opprimiam.  
Do dia mil terrores te assaltavam;  
Não podendo conter o desvario  
Te pozestes em caminho para o Rio.

Aqui chegando buscas audiencia  
Do profugo Manduca, elle te engeita!  
Tu insistes de novo, a Excellencia  
Não te quer receber, nova desfeita!  
Vendo tal grosseria e insolencia  
Dizes: «perca-se tudo d'esta feita!»  
E decides fallar incontinentemente  
Dos ministros co'o grande presidente.

Oh caso triste e digno de memoria,  
Que debalde narrar agora intento!  
Oh paixão de Manduca transitoria.  
Voluvel coração «qual piuma al vento»!  
Si fosse o amador Manoel da Gloria  
Por certo não teria igual tormento  
A moçoila que veiu lá do ermo  
Em demanda d'um rispido estafermo!

Preside a conferencia dos... humanos  
O Paranhos, egregio presidente;  
Lança olhares brilhantes, soberanos  
Sobre os collegas seus, beocia gente.  
Não passam de mesquinhos carcamanos  
Esses que formam o grupo ali presente,  
Comparsas, figurantes, beldroegas,  
Leliputs ao pé de Micromégas.

Em poltronas cobertas de palhinha  
Os membros do conselho eram assentados;  
Ao pé de um figurão um figurinha,  
Todos elles sem ordem misturados.  
O Duarte, o Alfredo, o Junqueira  
E mas tres como estes laureados,  
Quando o chefe dá malta aassim dizendo  
Com tom de voz começa grave e horrendo:

Illustres socios meus, nos bate á porta  
Das eleições o dia perigoso!  
A situação azul é quasi morta  
E' preciso sahir, deixar o pouso...  
A nossa ministrança vai bem torta  
Como evitar o golpe temeroso?  
Para que se prolongue este banquete  
Espequemos um pouco o gabinete

Sahi d'esa modorra, oh companheiros !  
 Vamos, vamos: pé leve e olho vivo !  
 Desenvolvi os planos altaneiros  
 E cada um se mostre o mais activo;  
 Em tricas todos sois muito veseiros,  
 Eia, vepha o conselho, o lenitivo....  
 E na sala com e pé batendo irado  
 Alfredo a côr perdeu como enfiado !

A palavra tomou Manoel Corrêa,  
 Mas a porta da sala foi aberta..  
 E penetrou por ella uma sereia,  
 Mão grado a sentinella estar alerta...  
 As cadeiras dos seis ella rodeia,  
 Chega á do presidente, e desconcerta  
 O perjuro amador, impio Manduca,  
 Que vacilla, escorre e embatuca...

Para o céu crystallino alevantando  
 Com lagrimas os olhos piedosos,  
 A Chuleta esqueceu o illustre bando  
 Os ministros attentos, curiosos :  
 Afinal no Paranhos attentando,  
 Com requebros e modos lângorosos  
 Fallou a moça em tom de cantochão  
 Possuida de magoa e de emoção :

Oh tu que tens de humano o gesto e o peito,  
 (Si de humano é trahir a Palomita )  
 Aquelle teu collega é mão sugeito,  
 Foi elle quem causou minha desdita !  
 O falso despresou amor perfeito,  
 E, engeitando á mim mulher bonita,  
 Deixo-me só e misera e mesquinha...  
 Mova-te a piedade, a sorte minha !

O Junqueira chorava e o Delphino  
 Desmaiado cahiu sobre o tapete...  
 Mas de Manduca o peito diamantino  
 E' duro e resistente ao torniquete !  
 Jura que não conhece o Deus Menino,  
 Qus só ama o fardão e o gabinete,  
 Mas o Paranhos, na malicia zorra,  
 Não deixa que a Chuleta impune morra.

Obriga o seu collega Lovelace  
 A consolar a Lilia abandonada,  
 A enchugar o pranto que na face  
 Corre da caipira apaixonada...

Quer recusar o homie mas fugace  
 Foi essa idéa insolita e arrojada ;  
 Curva a cerviz á ordem soberana  
 Ajoelha, faz foscas á magana !

Queixumes, confidencias amorosas  
 Foram trocados lá... O ministerio  
 Esqueceu as perlengas luminosas,  
 Tanto póde de amor o doce imperio |  
 Recebidas as notas amistosas  
 D'alli sahio a moça com mysterio. |  
 Prosegue a conferencia dos humanos,  
 O capitalo geral dos franciscanos.

### III

Porém já cinco sóes eram passados  
 Depois d'esse congresso eleitoral,  
 E os ministros ainda atarantados  
 Andavam com o negocio capital !  
 Tinham mesarios seus bem despejados  
 Nas parochias e a gente marcial,  
 Mas o povo era todo adversario,  
 E o Duque-Estrada um grande salafrario.

Si dispõe o governo da bayoneta,  
 Si diz que o voto livre é uma asneira,  
 Que isso de brio e honra é tudo peta,  
 E que a lei não tem eira e não tem beira :  
 Não se intimida o povo com a careta,  
 Sabe que a sua força é verdadeira,  
 E contra o sabre nú do gabinete  
 Elle vai empunhar rijo caceté.

O Paranhos pensava n'esses pontos  
 E via as eleições quasi perdidas,  
 Estavam seus collegas todos tontos  
 Sem serem combinadas as medidas ;  
 Demais, a capangada com mil contos  
 E tantas cabeçadas promettidas,  
 O governo fazia andam á tóa,  
 Da Gloria o juiz de paz tendo na próa.

Correram o reposteiro, e uma figura  
 Em frente appareceu robusta e valida,  
 De sertaneja, insigne estatura,  
 O rosto aparvalhado, a barba esqualida,

Olhos encarniçados e a postura,  
 Redicula e má a cõr vermelha e calida,  
 Medonha a penca, furibunda tromba,  
 Nariz que tudo fere e tudo arromba !

E disse: Oh gente ousada outr'ora e brava,  
 Como assim conspiraes n'êsta cafurna,  
 Sem que o Aristêo de Itaverava  
 Seja presente a reunião nocturna ?  
 O que vos falta ? eu sou pesada ciava  
 Capaz de pôr em cacos ferrea urna !  
 Ninguém ao meu nariz aqui resiste,  
 Fallai, fallai, que estou de lança em riste !

Eu o almirante sou do Mar de Hespanha,  
 A quem chamaes vós outro Patetorio !  
 A casaca virei quando em braganha  
 Me fiz conservador, como é notorio ;  
 A pança tenho cheia e já tamanha  
 Como o nariz, carnudo promontorio...  
 Sou valeutão de facas e calhãos,  
 Cabalista potente e dous de páos !

Fui dos filhos asperrimos de Judas,  
 Qual Paranhos, Timandro, e S. Vicente,  
 As idéas vermelhas e cascudas  
 Combati com coragem vehemente ;  
 Depois as minhas vozes foram mudas  
 E procurei arranjo diligente ;  
 Não sei se isso me trouxe algum desdouro,  
 Mas' stou hoje mettido no Thesouro.

Amores do fardão e poderio  
 Me fizeram tomar tamanha empreza,  
 O povo fez-me sempre andar vazio,  
 Liberdade me trouxe na pobresa...  
 De democrata ser tendo fastio,  
 Conservador me fiz com affouteza,  
 Sonhado no senado uma cadeira  
 Ainda não senti couza que mais queira !

Como fosse impossivel alcançal-a  
 Pelo caminho certo e mais direito,  
 Determinei por artes conquistál-a  
 E aos velhos rabinos jurei preito ;  
 Ora servi calado, ora com a fala,  
 A todos sempre fui muito sujeito,  
 Afinal encaixei-me com orgulho,  
 No ministerio que nasceu em Julho.

Sabem todos as grandes brilhaturas,  
 Que pratiquei em quanto estive alli..  
 Oh, aguas que desceis lá das alturas,  
 Tijuca ! Trapicheiro ! Andarahy !  
 Umdia... Que lembranças ! que amarguras !  
 A pasta me pediram e eu cahi ..  
 Mas cahi no senado com o Timandrol  
 E junto de um malandro, outro malandrol

Oh, que não sei de nojo como o conte,  
 Que metti-me outra vez em opposição !  
 Mas constricto aqui estou, e inclino a frente  
 Ante o nosso Paranhos, que é sultão !  
 Precisam d'um capanga, um Brutamonte ?  
 Prompto estôu a cumprir a commissão,  
 Não cogitem mais nada, é finda a história  
 Eu arranjo os negócios lá na Gloria )

Por ti, Delphino meu, meu chirimababo,  
 Dou parte de valente e vou avante !  
 Tremei, oh capoeiras, que o diabo  
 Vou fazer amanhã, ou n'este instante !  
 Pois nem Ptolomeu, Pomponio, Strabo  
 Façanha assim fizeram retumbante.  
 Dou arras d'esta forma, venha a lista,  
 Dissidente não sou, mas governista.

O Paranhos sorriu e alegremente  
 Apoia quanto diz o Narigueta ;  
 Aceita o seu concurso e largamente  
 Discute cada um a melhor treta,  
 A tramaio maior, mais concludente  
 Para que a eleição seja uma peta ;  
 Conversaram depois mais uma hora  
 Até que despontou a roxa aurora.

#### IV

Chegou o dia grande. O ministerio  
 Vai consultar o voto da... policia,  
 A senha dada foi a todo o imperio.  
 As ordens expedidas com pericia ;  
 Não fez a circular nenhum mysterio  
 E disse claramente e sem malicia,  
 Que convinha voltar firme e unida  
 Aquella rabadilha dissolvida.

Pelo que delegados, e inspectores,  
 E guarda nacional, corpo de urbanos,  
 Mestrança do arsenal e mandadozes,  
 E fiscaes, e mezarios soberanos  
 Seriam todos elles os tutores  
 Da nossa opinião, pobres humanos !  
 Garantia do voto essa quadrilha,  
 Que o voto livre opprime, arranca, e pilha !

As igrejas estão bem guarnecidas :  
 Sentineillas, piquetes e patrulhas,  
 Forças de terra e mar são incumbidas  
 De rolos evitar e conter bulhas.  
 De phospheros as hordas destimidas  
 Junto da urna gritam, dizem pulhas,  
 Emquanto o cidadão quer o triumpho  
 E diz:— si querem páo; o páo é trunfo !

Empenha-se á cabala e a trapaça,  
 Candidatos formigam; em cada becco  
 Resurge um Dulcamara, em cada praça  
 Apregoa seus feitos um marreco !  
 Um seduz corvompêdo a populaça,  
 Outro a crú cachaça e murro secco,  
 E bradam qu'eleição em toda parte  
 E' feita a ouro, a ferro, ou força de arte.

Vamos a Gloria. N'essa freguezia  
 O barulho é cruel, da nossa morte !  
 A soldadesca murcha alli não pia  
 E leva trambulhão bonito e forte.  
 Não pôde o cidadão votar, que a tia  
 Decide do seu voto, de sua sorte:  
 Si a tropa em S José faz bandalheiras  
 Fazem na Gloria os feros capoeiras.

Do Duque-Estrada a gente destemida  
 Estava firme e teza na estacada ;  
 A FLOR da malta, a troça mais querida  
 O reforça de lei, tudo em parada !  
 Traz aquelle uma faca bem comprida,  
 Este vem co'a navalha descascada,  
 Outro faz da cabeça bombardeira,  
 Todos trazem por armas a «rasteira» !

Que mosaico de feia catadura,  
 Tribu patibular e horripilante !  
 E no meio a mingoadá creatura  
 O chefe, o «duque», o Jupiter Tonante

Festeja a malta, preza de loucura,  
 Com vivas e berreiro retroante,  
 O deus da guerra, o trefego rapaz  
 Que tem a campainha, é juiz de paz.

Do inferno si a porta fosse aberta  
 Mostrara um quadro assim, melhor até...  
 O circulo phantastico se aperta,  
 Ai, de quem se metter n'esse banzé...  
 «Ca-te-Espero», «Bijú», e «Morte-Certa»,  
 E «Manduca-Tambor», e «Lhagalhé»,  
 Vencem elles na furia e reboliço.  
 Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.

Temos mouro, na costa: O Duque-Estrada  
 Recusa em altos brados uma lista...  
 Rebenta, formidavel trovoadã,  
 Da capangada o sangue offusca a vista!  
 Sobre o pobre votante essa cambada  
 Se atira furibunda, vai-lhe a pista,  
 E tudo quanto está d'entro da igreja  
 Carambola, referve e esbraveja!

Dos capangas o estrepito parece  
 Que da matriz a nave oscilla e treme!  
 Quem vê a horda indomita estremece,  
 Pela sua pelle se alvoroça e teme...  
 Qual da cadeira vôa e logo desce,  
 Qual com as ventas em terra dando geme,  
 Qual vermelhas as faces faz de brancas,  
 Qual estendido rola sob as bancas!

De Timandro o chinó o vento leva!...  
 Anizio corre em mangas de camisa...  
 São-Vicente escorrega e a voz eleva,  
 Pois um calo que tem fugindo pisa!  
 Além o Gavião rola ua herva  
 E o nariz illustre purpurisa...  
 O Firmino tropeça n'um capanga,  
 E grita: «pitangueira não dá manga»

Vê-se além um chapéo em abandono...  
 Aqui Diogo Velho coça o lombo...  
 Alli umas orelhas vão sem dono,  
 Por toda parte tombo sobre tombo!  
 Sô o chefinho, firme no seu throno  
 Parece o sacerdote Pai Quibombo,  
 Quando continha os seus impondo a fé  
 Em meio do empurrão e pontapé!



A tropa vendo aquelle espalhafato  
 Quiz prender um ou outro malfeitor.  
 De sabre em punho entrou, porém fez alto  
 E se poz a tremer em frente à FLOR..  
 Bijú sobre o tenente deu um salto,  
 E a troça toda imita-o com furor,  
 Então o delegado, a tropa, tudo  
 Sahem ao som de tapas e cascudo !

Jamais se viu na côrte scenã igual,  
 Por pouco entregue ao saque e a cidade...  
 Os bairros percorria em sartunal  
 A mashorca a zombar da auctoriedade !  
 O Paranhos e a grey ministerial;  
 Vendo o partido seu n'essa ebriedade,  
 A face velam, dizem com pesar;  
 « Somos muito ruins, não há negar».

## V

Depois de procéllosa tempestade,  
 Muita trapaça e sangue derramado,  
 Proclamaram as urnas da cidade  
 Do governo o triumpho assignalado !  
 D'essa eleição, de tal monstruosidade  
 Foi a policia o pai desnaturado ;  
 O monstrngo ahi está, póde ir á fava,  
 Que de tal pai tal filho se esperava.

Vamos ter deputado de espavento,  
 Sacristão do governo e ordeuança;  
 Tenha elle talher no orçamento,  
 Em paz ha de viver a ministrança !  
 O Paranhos, porém, teve o talento  
 De privar Duque-Estrada da lambança;  
 Em vez d'elle na camara ter ingresso  
 « Tra la spiga e la man qual muro e messo»

Agora tu, Calliope, me ensina  
 O modo de contar a patuscada.  
 Que fizeram os heróes da trampolina !  
 Depois qu'a apuração foi publicada;  
 Emprsta-me harmonia peregrina,  
 Leva-me a Paquetá, ilha encantada,  
 Alli a festa foi. jardim de Armida,  
 Ou nova Ilha de Amores tão quezida.

Foram do brodio os grandes cabalistas,  
 Os cabos mais audazes da eleição,  
 Os delegados que embolaram listas,  
 Benevides, Láguna e o Sayão ;

Todo o estado maior dos governistas,  
 O ministerio em peso de fardão,  
 E para o pic-nic amenisar  
 Nymphas do Paraguay e do Alcázar.

N'um valle ameno, que os outeiros fende  
 Vinham as claras aguas ajuntar-se ;  
 Lá collocou-se a mesa, que se estende  
 Tão farta quanto pôde imaginar-se  
 Arvoredo gentil sobre ella pende,  
 A companhia afinal já vai sentar-se ;  
 Quem espiasse de atravez das ramas  
 Veria feios homens, bellas damas.

Os dons que dá Pamona alli natura  
 Produz admiraveis nos sabores,  
 Bananas tão divinas na doçura,  
 Que são fructas de reis, de imperadores ;  
 A jaca da Bahia molle e dura,  
 E da Gavea esses pomos seductores,  
 Os formosos abios do San-Vicente,  
 Na teta do thesouro florescente.

O Paranhos, soldado bem disposto,  
 Manhoso, cavalheiro disfarçado,  
 Entre duas sereias foi bem posto,  
 Pois era o rei da festa, o laureado.  
 Qual das duas possui mais lindo rosto ?  
 Qual o talhe mais fino e delicado ?  
 A Carmer paraguaya morenita,  
 Ou a portenha branca, a loura Annita ?

Os demais companheiros, velho ou moço,  
 Tiveram junto a si a formosura,  
 Pois ministro é tambem de carne e osso,  
 E não pôde quebrar leis da natura ;  
 Dos laços que amor arma co'alvoroço,  
 Não se pôde livrar a creatura ..  
 Folgam socios e o nobre presidente,  
 Ditosa condição ! ditosa gente !

Pede o Sayão um prato de chuoriços,  
 O Laguna lá vai ao pastellão,  
 Torres-Homem faz grandes reboliços  
 Entre o peru de forno e o leitão ;  
 Mas o Duarte, presa de feitiços,  
 E' frecheiro, não quer ser comilão,  
 Soam brindes á lei eleitoral,  
 A policia, e a guarda nacional !

Pede a palavra um velho bem fouveiro,  
 Grande silencio segue-se ao pedido,  
 Mas, em que lingua falla o conselheiro  
 Que diz «arto», e «mergueira» e é ouvido?  
 Porque engole o L esse luseiro?  
 Que idioma é esse corrompido?  
 Que lingua official, sonora e linda?  
 Com pouca corrupção é a cabinda...

Falla o Sayão impavido: « Eu saúdo,  
 « O famoso estadista de Goyana!  
 « Elle bem dist'nguiu-se n'este entrudo,  
 « E passou muito alem da Taprobana!  
 « Si alguém duvida que'elle saiba tudo  
 « Desminta a minha voz ardente, insana...  
 E a taça empunhando furibundo  
 Ameaçava a terra, o mar e o mndo !

Mais ia por diante a patuscada,  
 Recôrdos da eleição e de victoria,  
 Quando Annita, tomando uma grinalda,  
 Chega-se ao chefe d'immortal memoria,  
 Murmura : Para ti é franca a entrada  
 No Pantheon, pois tens,eterna gloria!  
 Tens o poder divino, d'este vida  
 A tua rabadilha dissolvida !

O Capitolio espera-te. . . caminha !  
 O Paraguay por mim fallando está...  
 Eu conheci teu pulso ,oh Deus da linha !  
 Quando amantetico descobri-te lá...  
 Viva ! viva o heroe !... » E a tal mocinha  
 Era qual nma houri ante o pachá .  
 Melhor é experimental-o que julgal-o  
 Mas julgue-o quem não pôde experimental-o...

Gastar palavras em contar extremos  
 E tantas cousas mais assignaladas,  
 E' d'esses gastadores que sabemos,  
 E que referem fabulas sônhadas.  
 Basta por fim do caso, que entendemos,  
 Que com finezas altas e afamadas  
 Todos se distinguiram tanto e tanto,  
 Como dizer não posso n'este canto !

A bordo do barquinho enbandeirado,  
 Que vem da ilha fresca dos amores,  
 Regressa o ministerio festejado  
 Aos diurnos negócios e labores.  
 Na pôpa do baixel vem assentado  
 O Paranhos scismando e vendo flores  
 Nos castellos aereos que fabrica  
 Pois sua musa é fertil, doce e rica.

Via chegar a turba de votantes,  
 Mandada recrutar no sul e norte ;  
 Aquelles conhecidos figurantes,  
 Amigos do governo até a morte;  
 O Siqueira e o Fausto, dous farçantes,  
 O Ra-Pou-So da Ca-ma-ra tão forte  
 Em falar e escrever como elle só,  
 E mais o seu irmão sabio Loló!

Alli o grande Henriques conselheiro  
 Do thesouro arcebispo, ovelha mansa ;  
 O Anisio que sempre é o primeiro  
 Em apoiar quem é da governança ;  
 Diogo que recita mezureiro  
 E que mais cortezão voltou de França ;  
 O Tristão de Alencar, barriga nobre  
 A melhor manivella que o céu cobre !

De Pernambuco vem o Clementino,  
 Sempre lustroso e sempre engarrafado ;  
 Araçagy barão, e o tal menino  
 Augusto d'Oliveira celebrado ;  
 Manoel do Rego, parvo paladino  
 E que foi em Iena encapellado ;  
 De Panellas o santo monsenhor,  
 Da Vaga-Venos pudibundo autor!

Mas uns quatro da grey cavalcantina,  
 Esperanças da patria, luminarias !  
 O Bentinho Segundo, que a ruina  
 Já tem causado de provincia varias ;  
 E mais esse escriptor de phrases finas,  
 Editor de servis catilnarias,  
 Que comprou uma imprensa bem carita  
 Fazendo co'o Alfredo commandita.

O Franquinho innocente, e o Bahia  
 Que adora fiel quem está de cima ;  
 O Cicero qu'em fallas não confia ;  
 O bravo vira-folha Pinto Lima ;  
 O Innocencio Góes que hoje em dia  
 No ministro Junqueira mais se arrima ;  
 O Cazado qu'andou por Séca e Méca  
 E só co'o ventre livre teve a béca....

Do Esp'rito-Santo vê chegar o Eito,  
 Delicias d'esta Roma decadente,  
 Que faz «Maximas» cruas e anda afflicto  
 Na sua posição de pertendente ;  
 Virá do Maranhão fidalgo invicto,  
 Do rei Affonso Henriques descendente:  
 Dom Medeiros Noronha Souza França  
 Montalvão Albuquerque de Bragança !

Luiz Carlos azul, cuja lanceta  
 Sangra baios e pampas corredores,  
 Qu'em vez da senatoria uma boceta,  
 Recebeu do eleitor de senadores...  
 Camilo Figueiredo esse peseta.  
 Qu'em politica tem todas as cores ;  
 E do Conservatorio, o presidente  
 Anonymo em Goyaz, phosphoro ardente !

E o caro alhote, bello moço  
 Herdeiro da influencia paternal,  
 Que installado está em Matto-Grosso  
 Aonde o seu prestigio é sem rival !  
 E o padre Camillo tão insosso,  
 Indigesto pratinho, arroz sem sal,  
 Que só é bom por ser mui governista  
 E padrego amoroso e pagodista !

Que falta vae fazer no parlamento  
 (E tão feia desgraça é lamentada!)  
 Aquelle João Sayão espalha-vento.  
 Aquelle Evagelista tão pancada !  
 Deve ser formidavel seu tormento,  
 A bola deve estar desmantelada...  
 O homem d'esta feita bate a bota,  
 Ficou tonto, perdido co'a derrota.

Mas restã muita gente ao ministerio  
 Uma cauda de cem disciplinados.  
 Correu sangue é verdade em todo o imperio,  
 Mas o governo fez cem deputados!

Para elle só ha um ponto serio:  
 Ter maioria, votos alugados...  
 E como conseguiu tão nobre intento  
 Vamos abrir alegre o parlamento.

Teremos novas leis vindas na mala  
 Que andou viajando pela Europa...  
 O gabinete aulico faz gala  
 De assignar de cruz... a tudo topa.  
 Cada uma refórma ha-de votal-a,  
 Sem discussão alguma, a docil tropa,  
 Pois é tudo reforma lisongeira  
 O «non plus ultra» enâm, diz o Pedreira.

Em taes cousas pensando jubiloso,  
 O Paranhos sorria sosaente;  
 Via o seu ministerio glorioso  
 Prometendo durar eternamente.  
 Que pergo temer quando geitoso  
 E' o ministro assim obediente?  
 Formando tal castello adormeceu,  
 E viu este paiz dominio seu...

## VII

Cada ministro estuda o seu projecto,  
 Que vai ao parlamento ser presente;  
 Em dous mezes acaba-se o suêto  
 E começa o serviço impertinente.  
 E' preciso estudar tanto decreto,  
 No qual nenhum dos sete mette o dente,  
 Pois são cousas nascidas nas alturas,  
 Vedadas ás terrenas creaturas.

O Paranhos está encarregado  
 De reformar a lei eleitoral:  
 Só poderá votar e ser votado  
 Quem tiver o carimbo official;  
 Eleição por seis grãos, o delegado  
 As listas recebendo no arraial,  
 Rodendo de sabres e bayonetas,  
 De phosphoros, capangas, e espoletas.

Liberdade de imprensa. Essa empreitada  
 Deve ser discutida pelo Alfredo;  
 Elle tem uma lei bem acabada,  
 Que põe o pensamenio n'um degredo;

Gazeta poderá ser publicada  
 Não trazendo um artigo hostil, azedo,  
 Ha de a prévia censura por miudo  
 Entendar, corrégir, e rever tudo.

O Junqueira decora a sabhatina  
 Sobre a grave reforma militar;  
 Devemos ser nação bem mavortina  
 E nos campos de Pallas florear!  
 Bismark transmittiu-nos a vaccina,  
 — Convém fazer o povo batalhar —  
 Lavoura, artes, industria, tudo é pulha,  
 Venha o Krupp-canhão, arma de agulha

Mané da Gloria estuda o melhor meio  
 De gran-cuzes mandar ao estrangeiro;  
 Necessario é qu'o mundo fique cheio  
 De teteias da Rosa e do Cruzeiro!  
 Condecorar á larga, sem receio  
 O sabio, o tolo, o duque, o aguadeiro,  
 E, si fitas aqui são o que são,  
 Fiquem mimos reaps de exportação.

Reformar a justiça em todo ou parte,  
 Tornal-a mais poltrona, cega e manca,  
 D'essa heroica missão foi o Duarte  
 Incurmbido e lhe deram carta branca!  
 O «habeas-corpus» sumo-se com arte,  
 A cadeia terá mais uma tranca,  
 E o cidadão que alli for encerrado,  
 Innocente que seja, está filado.

Pobre Delphino! Estuda e desaprende  
 O projecto tendente aos arsenaes!  
 A lição é difficil, nada entende,  
 Quanto mais se exaspera esquece mais!  
 Assim não é possível, não defende  
 No parlamento idéas imperiaes;  
 E' um nunca acabar, elle não cola,  
 E não abriga nada na cachola!

Enfim Barros Barreto, o pataratas,  
 E' tambem um midistro salvador,  
 Decorou e com furias e bravatas  
 Pôde o seu projectinho bem expor:  
 Consiste no plantio de batatas,  
 Onde não haja frio nem calor,  
 N'um systema melhor de agricultura,  
 Fazer brotar da canna a rapadura.

Como se vê os sete conselheiros  
 Estão aterefados estudando,  
 E o paiz, os mansos brasileiros  
 Ao mestre e aos dicipulos pagando !  
 A paga ou é em sangue, ou em dinheiros,  
 Graças ao genio nosso frouxo e brando...  
 Carneiros de Panurgio, mudamente  
 Como sofre este povo paciente !

Não mais, Muza, não mais que á contragosto  
 Vou ficando co'a alma exasperada,  
 Acabo quasi irado e com desgosto  
 Aquillo qu'encetei por, cassoadal  
 Sim, que sobe-me o sangue á mente, ao rosto  
 Vendo a gente perdida e desgraçada,  
 Que governando está a nossa terra  
 Vivendo co'a moral em dura guerra !

Consola-me, porém, grata lembrança,  
 Que breve isto ha de ter um paradeiro,  
 Pois nem sempre estará na governança  
 Um pártido detraz do reposteiro.  
 Quando a hora soar de atra mudança  
 Soltará o seu grito derradeiro  
 Dos selvagens a negra fatal horda,  
 Que collocou-nos de um abysmo á borda

Então não mais Paranhos, nem Alfredo,  
 E Ribeiro da Luz, Manoel Corrêa,  
 E Junqueira, Duarte de Azevedo,  
 Barros Barreto, caravana feia !  
 A rabadilha enorme que faz mede !  
 E que o orçamento hoje rodeia  
 Ha de podre cahir, volver ao nada...  
 E dou minha missão por terminada.

FIM.





ISL









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).